

## INTEGRAÇÃO: UNIR PARA MUDAR

A preocupação com a questão da integração latino-americana, de sua necessidade histórica e de como o intercâmbio possibilitaria relações concretas para refletirmos sobre esta nossa condição, é permanente dentro do “Projeto Córdoba”.

Lendo o Documento fundador do referido projeto, temos as seguintes observações:

Historicamente a questão da integração tem ocupado o cenário latino-americano, quer na forma de acordos, quer através de projetos culturais.

Esforços neste sentido sempre estiveram presentes na história das Américas como pode atestar a Conferência do Panamá, em 1826, ALALC (Associação Latino-Americana de Livre-Comércio), assinada, inicialmente, pelo Brasil, Argentina, Peru, Chile, México e Uruguai e “... em 1991 o Programa de Cooperação Econômica e Comercial do Sul – o MERCOSUL – inicialmente entre a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai...” que trata na sua Declaração de Princípios:

A conveniência de promover os programas de formação e intercâmbio de docentes, especialistas e alunos com o objetivo de facilitar o conhecimento de realidade que caracteriza a Região e promover um maior desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico.

Nessa busca de integração, esforços estavam sendo canalizados no sentido de se discutir, através de diversas atividades e projetos desenvolvidos por inúmeras instituições, entidades e governos, a questão histórica latino-americana. (Documento Fundador, 1991).

Atualmente a questão continua sendo crucial para nós, pois, por mais que a integração latino-americana esteja na pauta do dia, continuamos isolados e distantes, nos vendo como estrangeiros, com processos integracionistas fragmentados que impedem o desenvolvimento de solidariedade entre as nações. Concordamos quando Oswald Leon argumenta que “A história da América Latina e do Caribe está marcada pela máxima: ‘dividir para governar’, implementado pelos colonizadores de ontem e do presente para imporem seu domínio, tanto pelas armas como pelo discurso. Daí que a linguagem do colonizador, mediada pelas elites crioulas, conseguiu fazer com que no imaginário coletivo de nossos países

seja comum a desconfiança, a rivalidade diante dos vizinhos, ou então, a indiferença e o desconhecimento em relação aos mais distantes”<sup>25</sup>.

Por outro lado, consideramos importante perceber que a integração pode se dar de várias formas e maneiras. Que as ditaduras militares, nas décadas de 60, 70 e 80 podem ser vistas como uma forma de integração, porém subordinada e dependente, resultado da confluência de interesses imperialistas e das elites nacionais para evitar transformações populares e democráticas.

E novamente houve um movimento de integração controlado pelas elites com a organização de governos neoliberais na maioria dos países (Brasil com FHC, Argentina com Menem...) beneficiando apenas o grande empresariado com uma ajuda que privilegiou os interesses do capital. O resultado visível no momento foi o aumento da miséria, o aprofundamento da dependência e o aperfeiçoamento de um sistema político no qual as maiorias votam, mas efetivamente não decidem<sup>26</sup>. Nesta época, também surgiram tentativas de acordos integracionistas como MERCOSUL e a ALCA, com os mesmos resultados, já que a disputa imperialista na América do Sul se manifesta no interior mesmo dos processos de integração<sup>27</sup>.

Portanto, a questão que se coloca é “Qual o tipo de integração desejamos?” A resposta não é simples, e não é neutra. Trata-se de integrar para a mudança, para uma nova América Latina. A conjuntura atual, mundial e regional, revela possibilidades neste sentido.

SOTELO aponta para um esgotamento das políticas neoliberais e ressalta que “uma saída para a América Latina dependerá muito da correlação de forças e da incidência que tenham as classes exploradas, onde há uma constelação de forças populares – como os camponeses, os indígenas, os trabalhadores, os estudantes etc. – que possam aproveitar esta crise brutal do sistema capitalista e dar um salto para um sistema

---

<sup>25</sup>Leon Oswaldo “Cúpula de Cochabamba: comunicar para libertar”. Artigo no jornal “**Brasil de fato**”, ano 4, N 197. 7 a 13 de dezembro de 2006. Pág. 6.

<sup>26</sup>Ouriques, Nildo “O que representa a reeleição de Chávez”. Artigo no jornal **A notícia**, 8/12/06. Anexo I

<sup>27</sup>Novoa, Luiz Fernando “A integração a partir dos povos”. Artigo no jornal **Brasil de fato** ano 4, nº 197. 7 a 13 de dezembro de 2006.

completamente diferente, ou seja, uma ruptura capitalista.”<sup>28</sup> O autor cita ainda alguns avanços que estão ocorrendo na Venezuela, em Cuba, no México (Exército Zapatista de Libertação Nacional) e na Colômbia (presença das FARC e das guerrilhas). Considera, ainda, gravíssima a ocupação do Haiti por forças estrangeiras, colocando sob ameaça a América Central e o Caribe.

Retornando o “Documento de 1991”, vemos que a participação do “Projeto Córdoba” quanto à integração estava muito ligada às possibilidades que a dimensão cultural oferecia. A experiência revelou o acerto da opção e a confirma para o futuro - para sua continuidade.

Refletindo sobre o artigo de Michael Löwy, publicado na Revista Plural, concordamos que na etapa atual do capitalismo - o neoliberalismo, a mercantilização chegou a um ponto em que a cultura não foi apenas transformada em mercadoria, mas também foi perdendo seu conteúdo, suas características humanas que se dissolvem em puro valor de troca. E em época de império que tenta promover, impor, o “pensamento único” devemos resistir. E “contra a dominação imperial, a resistência cultural toma a forma, num primeiro momento, de defesa das culturas locais, nacionais ou regionais, tratando de protegê-las do rolo-compressor da globalização neoliberal”.

O autor continua na defesa da pluralidade cultural, mas ressalta a importância fundamental de estabelecer o intercâmbio... “A primeira tarefa de uma resistência cultural eficaz é precisamente tratar de estabelecer vínculos e conexões entre as várias reivindicações democráticas, as diversas lutas sociais... buscando um terreno comum, uma convergência que respeite a autonomia de cada um, mas os associe no combate comum contra a dominação imperial... e à luta pela invenção de uma cultura universal emancipadora... componente indispensável de uma civilização da solidariedade”<sup>29</sup>.

O ano de 1992 é duplamente simbólico para o Colégio de Aplicação. Primeiro, porque é nesse momento que firma-se institucionalmente o Acordo de Cooperação entre duas Universidades. Desde 1989, a discussão

---

<sup>28</sup>SOTELO, Adrian – Entrevista dada a Waldir Rampinelli em 2005, in Revista Plural – APUFSC – S-sind, nº 15, ano 12, outubro de 2006. Pág. 17 e 24.

<sup>29</sup>Löwy, Michael – “Resistências culturais à dominação imperial. A alternativa socialista”. Plural, nº 15, outubro 2006; páginas 31 e 32.

estava posta. Em segundo por que a sua *legalidade* é enriquecida com o Iº Encontro Latino Americano de Adolescentes Simon Bolivar em alusão aos 500 anos da Conquista da América.

Nasce então, o projeto, de um sentimento muito particular dos povos de lá e dos povos daqui: o resgate de suas identidades e a possibilidade de ao se aproximarem, se reconhecerem como “companheiros”.

Uma equipe multidisciplinar de docentes das duas Instituições visualizou a perspectiva de construir um anteprojeto entre o Colégio de Aplicação e a Escola Superior de Comércio Manuel Belgrano em Córdoba, Argentina. Nesta oportunidade foi assinado o **Acordo de Cooperação Acadêmico Cultural** entre as duas Instituições de Educação Básica através de suas Universidades: Universidade Federal de Santa Catarina no Brasil e Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina.

O Acordo de Cooperação visa ao intercâmbio entre estudantes, servidores docentes e técnico-administrativos para que, através da troca de experiências, possam conhecer as respectivas histórias, refletir sobre as mesmas e, por extensão, sobre a história latino-americana.

A identificação desses professores com o Acordo de Cooperação está relacionada à filosofia do Colégio de Aplicação e à proposta de educação defendida pela Escola, ou seja, “a formação crítica e consciente dos sujeitos envolvidos no processo educacional: estudantes, pais, servidores docentes e técnico-administrativos”.

O “Projeto Córdoba” tem muito ainda a construir, mas não podemos esquecer o quanto já contribuiu de 1991 para cá. Em termos curriculares provocou a introdução no Colégio da disciplina de Espanhol e, mais recentemente, a de Estudos Latino-Americanos (ELA), no ensino fundamental e no médio, que se reveste de pioneirismo, pois é caso único nas escolas brasileiras atuais. Este “Projeto”, desde 2006, faz parte do IELA - Instituto de Estudos Latino Americanos, com sede na Universidade Federal de Santa Catarina.

Temos hoje na escola um projeto peculiar, ao mesmo tempo amadurecido, pois alguns de seus objetivos já deixaram de ser um intento, um esboço preparatório e se transformaram em fato. É algo que tem corpo, sentimento, voz, vai e vem atravessando fronteiras. Mas em parte continua

sendo uma ideia que se forma para realizar algo no futuro. É permanentemente um espaço amplo de criação.

Estar reunido com um grupo de professores de outro país da América Latina é muito gratificante. Pois nas discussões que se estabelecem poder ver no outro o seu próprio cotidiano, perceber as semelhanças e os desafios e então vislumbrar nas falas os mesmos ideais de transformação é quase um deleite. Nas asperezas do cotidiano escolar, em um mundo onde empobrecer a reflexão e desesperançar o educador é regra, estar frente a frente com professores que encerram seus trabalhos dizendo “vamos continuar”, é indubitavelmente uma sadia teimosia. E é esta audácia que nos mantém convictos.

Um forte abraço a todos que fazem Córdoba!

*Danuza Meneghello e Rodolfo Pantel* – Coordenadores